

**DOSSIÊ: CRENÇAS E ATITUDES  
LINGUÍSTICAS EM REGIÕES  
DE LÍNGUAS EM CONTATO**

**A CRENÇA E A ATITUDE  
LINGUÍSTICA DO  
CAPANEMENSE**

PASTORELLI, Daniele Silva

RESUMO: Apesar de não utilizar o idioma espanhol, o Brasil faz limite com diversos países falantes dessa língua. O Estado do Paraná, por exemplo, possui dezenove municípios limítrofes com o Paraguai e a Argentina. Nesse contexto geográfico está inserida a cidade de Capanema, cujo ambiente multiétnico favorece não só o intercâmbio de mercadorias como também o de cultura, crenças, costumes, e, sobretudo, o linguístico. Este trabalho toma como objeto de investigação a fala dos capanemenses com o objetivo de verificar as visões positivas e negativas desses sujeitos em relação às várias línguas e variedades com as quais convivem cotidianamente. Seguindo a metodologia mentalista (LÓPEZ MORALEZ, 1993), a análise dos dados coletados por meio de entrevistas *in loco* permitiu concluir que, em relação aos argentinos, a maior parte dos capanemenses apresenta uma atitude positiva, tanto no que se refere ao povo argentino propriamente dito quanto à sua língua materna, vista de maneira prestigiosa pelos entrevistados. Quanto aos paraguaios, uma quantidade significativa de informantes demonstrou não vê-los de maneira positiva, apresentando como justificativa para essa recusa a diferença de cultura, a origem indígena, a baixa tecnologia e escolaridade, assim como a questão linguística - guarani, jopará. Já o povo alemão é tido como introvertido por não demonstrar as emoções, mas responsável em tudo que faz. O idioma alemão não foi avaliado positivamente pelos capanemenses, considerado, pois, como difícil e esquisito. Por fim, constatamos que, por acreditarem que a cultura e a língua italianas sejam próximas da existente no Brasil, devido à ascendência latina, os inquiridos reagem favoravelmente diante dos italianos, povo avaliado pelos capanemenses como alegre e espontâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças e atitudes linguísticas; Preconceito linguístico; Línguas de contato; Capanema

ABSTRACT: Despite not using the Spanish language, Brazil borders with several countries that speak this language. The State of Paraná, for instance, has nineteen districts bordering with Paraguay and Argentina. In this geographical context is inserted Capanema city, whose multi-ethnic environment not only promotes the exchange of goods but also culture, beliefs, customs, and especially the language. This work takes as its investigation object the speech of Capanemenses with the aim of verifying the positive and negative views of these subjects regarding the multiple languages and varieties with which they live on today. Following the mentalist methodology (LÓPEZ MORALEZ, 1993), the collected data analysis through interviews *in locus* showed that, compared to Argentines, most Capanemenses presents a positive attitude, both in relation to the Argentine people properly said, as their mother tongue, seen in a prestigious way by the interviewees. As for Paraguayan, a significant amount of informants showed not see them in a positive way, presenting a justification for this refusal the difference in culture, indigenous origin, low technology and education, as

well as the language issue - *Guarani, Jopará* On the other hand, the German people's seen as introverted by their lack of emotion, but responsible in everything they do. The German language has not been evaluated positively by the Capanemenses, as it's considered difficult and awkward. Finally, we note that, believing that Italian culture and language are close to the one existing in Brazil, due to Latin ascendancy, respondents react favorably on the Italians, people judged by Capanemenses as joyful and spontaneous.

KEYWORDS Beliefs and linguistic attitudes; Language prejudice; Languages in contact; Capanema

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a diversidade linguística é bastante considerável, visto que, desde os primórdios de sua colonização, a imigração é significativa, tendo atraído portugueses, espanhóis, ingleses, italianos, japoneses, árabes, judeus e alemães, que se somaram às diversas tribos indígenas nativas desta terra e aos diversos grupos de escravos africanos vindos anos depois da descoberta. Dessa forma, houve e continua havendo, agora devido à globalização e à consolidação do MERCOSUL, o intercâmbio não só cultural, mas também linguístico, de crenças, de costumes, de religião, entre outros. Além disso, 68 municípios do território brasileiro, abrangendo os estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul fazem fronteira com países formadores do MERCOSUL.

Durante os últimos cem anos, a imigração espanhola intensificou-se, em especial nas regiões Sul e Sudeste do país, fator reforçado pelas relações pessoais e comerciais estabelecidas nas fronteiras com Paraguai, Argentina e Uruguai. O Estado do Paraná, localizado ao Sul do Brasil, por sua vez, possui 19 municípios limítrofes com o Paraguai e a Argentina. O inusitado é que, mesmo assim, localizado na América do Sul e cercado de países falantes de espanhol, o Brasil é o único que não utiliza, como língua materna, a língua espanhola. Seria, então, o idioma espanhol motivo de apreço, ou de recusa pelos brasileiros?

Por se tratar de uma região de fronteira, onde ocorre um constante movimento migratório, é comum observar as dinâmicas trocas linguísticas e culturais, promovidas, inclusive, pelo comércio local. Com essa miscigenação intensa e constante de etnias e falares, a língua portuguesa foi e continua sendo transformada, incorporando estrangeirismos variados, recebendo nova musicalidade e mutação léxica, de acordo com a postura tomada por seus falantes.

A partir do questionamento de qual seria a língua que realmente falamos no Brasil, não só nesta região especificada, mas em todo o país, propomos<sup>1</sup>, neste estudo, verificar o que pensam os falantes de Capanema a respeito da língua ou modalidade linguística falada nessa localidade, salientando a influência estrangeira. Acreditamos que, por meio da análise da postura perante a sua própria língua e a dos demais falantes, ilustrada nos relatos feitos pelos informantes e transcrita neste trabalho, seja possível identificar os elementos que constituem as atitudes linguísticas dos moradores de Capanema-PR.

Apesar de serem poucas as pesquisas linguísticas centradas no estudo do contato linguístico do português com outras línguas, como o espanhol e o guarani, essa dúvida vem servindo de incentivo para as pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas. Além das influências linguísticas e culturais já citadas, lembramos que a língua em uso, seja ela qual for, é um instrumento dinâmico e todo falante a utiliza de acordo com seu conhecimento de mundo, com as tradições da localidade linguística e da realidade familiar em que foi criado, manifestando suas ideias e crenças e contribuindo para a va-

---

<sup>1</sup> Este artigo tem como base a dissertação de mestrado *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*, defendida na Universidade Estadual de Londrina. A pesquisa faz parte do projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, pelas professoras Vanderci de Andrade Aguilera, do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina - UEL, e Aparecida Feola Sella, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

riação e as mudanças na língua, sobretudo em sua vertente oral.

Dessa forma, apoiados em autores como Rubal Rodriguez (1988), López Morales (1993), Gómez-Molina (1996), Moreno Fernández (1998), entre outros estudiosos da área da Sociolinguística, acreditamos que, mesmo que as atitudes linguísticas não possam ser consideradas como fatores causais, atuam como mediadoras dos comportamentos linguísticos e constituem indicadores especialmente sensíveis do processo sociolinguístico que atua sobre a sociedade. Nesse sentido, pesquisadores defendem que, para uma autêntica compreensão dos problemas linguísticos específicos de uma coletividade, convém conhecer como reagem os falantes diante das variedades linguísticas empregadas no meio (RUBAL RODRIGUEZ, 1988, p. 266). O que entra em concordância com Parceró (2007, p. 39), que entende ser o estudo das atitudes “importante para a Sociolinguística, uma vez que pode ‘predizer’ determinado comportamento linguístico: a escolha de uma língua particular em comunidade multilíngue, lealdade, língua de prestígio entre outras.”

Para Moreno Fernández (2007, p. 3), o estudo das atitudes linguísticas é imprescindível para poder planejar com a mínima possibilidade de êxito qualquer ação que afete a difusão de uma língua: seu uso ou seu ensino. No Paraguai, é ensinado, além do espanhol, o português e o guarani; já no Brasil, recentemente, no ano de 2005, foi decretada a lei Nº 11.161, delimitando o ano de 2010 para todas as escolas estaduais - nos currículos plenos do Ensino Médio - implantarem o ensino do idioma espanhol. Em nosso país não há registro, em especial nos limites que o separa dos países *hispanohablantes*, de locais que ensinem o guarani.

Ainda segundo Moreno Fernández (2007, p. 2), o contato entre Brasil e os países hispânicos circundantes deveria ser objeto de estudo mais bem explorado, por permitir:

- (i) saber como determinadas variedades do espanhol são pouco conhecidas;
- (ii) conhecer as consequências linguísticas do contato

do espanhol com o português e línguas indígenas (guarani, no caso do Paraguai; ticuna, no caso do Peru e Colômbia; chibcha, no caso de Venezuela);

(iii) conhecer as consequências sociais e sociolinguísticas do contato (multilinguismo, substituição de línguas, diglossia, integração-marginalização, transculturação);

(iv) pensar em propostas que favoreçam o desenvolvimento dos fronteiriços, fazendo uso das línguas como instrumentos (Tradução nossa)<sup>2</sup>.

Assim, reforçamos que o estudo de crenças e atitudes linguísticas no Brasil é bastante profícuo por se tratar de um país formado por povos de diversas etnias, que carregam consigo uma vasta gama de culturas e, como dito anteriormente, por ser fronteiriço com outros países, fator que favorece não só a formação de áreas de bilinguismo, mas também a imigração. Dessa forma, é possível observar a capacidade dos falantes em emitir juízos de valor - positivos ou negativos -, visto que é natural que falantes de línguas distintas ou de um mesmo idioma, quando colocados em contato, inevitavelmente assumam para si certas atitudes diante das diferenças que percebem nos “*falares alheios*”, ainda que estejam tentando estabelecer comunicação numa língua comum para ambos.

Por fim, acreditamos que nossa pesquisa colaborará com o projeto maior *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, como também poderá servir de subsídio para futuros pesquisadores da área.

---

<sup>2</sup> (i) saber cómo son unas variedades del español poco o mal conocidas; (ii) conocer las consecuencias lingüísticas del contacto del español con el portugués y con lenguas indígenas; (iii) conocer las consecuencias sociales y sociolingüísticas del contacto (multilingüismo, sustitución de lenguas, diglosia, integración-marginación, transculturación); (iv) pensar en propuestas que favorezcan el desarrollo de los fronterizos, haciendo uso de las lenguas como instrumentos (MORENO FERNÁNDEZ, 2007, p. 2).

## 2 UM ESTUDO ANTERIOR

No decorrer do ano de 2008, realizamos nossa primeira pesquisa sobre o tema, tratando das crenças e atitudes linguísticas de falantes moradores na cidade de Londrina. O *corpus* constituiu-se das respostas dadas por dez informantes, divididos em dois grupos: os nascidos no município de Londrina e os procedentes de outros Estados. Os informantes, além das respostas às dezessete questões de foco narrativo, descritivo, fonético-fonológico e de crenças e atitudes linguísticas, fizeram a leitura de dois textos: um em prosa e outro em verso, e foram questionados a respeito da diferença entre a fala de homens e mulheres (variação diagenérica), e de jovens e idosos (variação diageracional).

As atitudes de que tratamos, naquela investigação, dizem respeito à postura do informante quanto à fala local, quando consideradas as variáveis externas: faixa etária, sexo e origem do informante e/ou localização geográfica do ponto linguístico investigado (variação diatópica). Essas atitudes podem ser resumidas em positivas (prestígio linguístico) ou negativas (desprestígio linguístico). Além de descrever as diferenças ou semelhanças que se estabelecem na crença e nas atitudes linguísticas dos falantes entrevistados, buscamos, ainda, verificar a consciência linguística no que diz respeito à variante fonética local que identifica o falante londrinense: o /r/ retroflexo.

Assim, analisamos tanto a consciência linguística desses informantes, ou seja, se reconhecem diferenças nos falares com os quais têm contato, quanto seu posicionamento diante delas. Ao contrário do esperado, por ser a variante retroflexa sempre referida como caipira, própria de pessoas incultas, essa marca local não foi citada de maneira desprestigiada - representando atitude negativa com relação à variante retroflexa - pelos informantes londrinenses, mas mencionada de forma subliminar, indireta, pelos falantes vindos de outras regiões. Esta variante foi, pois, lembrada como característica do falar local, sem referência explícita à sua possível estigmatização.

No âmbito da consciência de existirem variantes linguísticas, os entrevistados demonstraram reconhecê-las de alguma forma e colocaram como fatores influenciadores do registro oral a posição geográfica da comunidade de fala, as experiências culturais, a educação recebida, o grau de escolaridade e a idade, entre outros.

Dessa forma, decidimos por aprofundar nossos conhecimentos no que diz respeito a crenças e atitudes linguísticas, explorando agora uma área brasileira limítrofe com a cidade de Andresito, na Argentina, a cidade brasileira de Capanema, no Estado do Paraná. Nessa localidade, além de haver migrantes oriundos de outras regiões do país, os habitantes convivem ainda com falantes do espanhol, imigrantes vindos do Paraguai, e até mesmo da Alemanha e da Itália. Como se dá essa convivência é um dos questionamentos para o qual buscamos respostas.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo foi realizada na área urbana onde se concentram, convivem e interagem os nativos daquela terra, os imigrantes vindos em especial do Sul do país e ainda imigrantes e descendentes oriundos da Itália, Alemanha, Argentina e Paraguai. Importa-nos, pois, conhecer as opiniões e avaliações dos moradores<sup>3</sup> acerca do falar local, o português brasileiro, e dos diversos falares estrangeiros com os quais convivem; levando em consideração as variáveis externas, tais como sexo, idade, grau de escolaridade, assim como a origem do informante. Os dados coletados por meio da aplicação de entrevistas *in loco* foram analisados à luz dos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialectologia Pluridimensional.

A sociolinguista Silva-Corvalán (1989) explica que a escolha e a seleção de informantes estão intimamente ligadas

<sup>3</sup> Para a pesquisa, os entrevistados, quando não forem nativos, devem residir no município há pelo menos 30 anos.

aos objetivos do estudo, bem como à hipótese inicial. Assim, a seleção de informantes não se dá de forma aleatória, devem ser seguidos os critérios de seleção respeitando certos fatores extralinguísticos, tais como “la edad, sexo, educación, clase social, lugar de origen, etnia, etc.” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 18). Considerando as variáveis sociais elencadas acima, o universo dos informantes constituiu-se da seguinte forma: a) Informantes com Ensino Fundamental: números de 1 a 6; b) Informantes com Ensino Médio: números de 7 a 12 e c) Informantes com Ensino Superior, de 13 a 18. Os dois primeiros números de cada divisão representam os jovens com idades de 18-30 anos; os dois posteriores pertencem à segunda faixa etária, de 35-55 anos, e os dois últimos são os informantes com idades entre 60-75 anos, sendo os números pares as entrevistadas do sexo feminino e números ímpares os inquiridos do sexo masculino.

Esses critérios são a maneira que encontramos de abranger uma diversidade maior de respostas que podem ser influenciadas de acordo com a faixa etária, sexo e posição sócio-econômica do informante. De acordo com Silva-Corvalán (1989, p. 19), a inclusão dessas categorias sociais costuma oferecer ao pesquisador a vantagem de poder identificar em que ponto existem as barreiras sociolinguísticas mais notáveis. Além das exigências acima, os informantes, assim como seus pais, preferencialmente, deverão ser naturais da comunidade linguística ou residentes na localidade por, no mínimo, 20 anos, o que parece ser indispensável para todo e qualquer estudo de natureza sociolinguística.

Para a realização dos inquéritos, consta do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, de Aguilera e Feola (2008), um questionário<sup>4</sup> constituído por duas categorias de perguntas, uma que envolve formas de convivência e lazer e outra com questões metalinguísticas. A conexão existente entre algumas questões e a forma com que a entrevista foi conduzida,

<sup>4</sup> O Questionário foi baseado na Dissertação de Mestrado de Bergamaschi (2006).

aproximando-se de um bate-papo, permitiu que várias delas fossem discutidas em conjunto, condensando as informações cedidas pelos entrevistados. As questões, portanto, que possuem temas similares foram divididas em cinco blocos, distribuídos da seguinte maneira: (i) idiomas e a convivência familiar (questões de 1-4); (ii) línguas de contato (questões de 5-12); idiomas de contato e comportamento linguístico (questões de 13-22); (iii) a relevância dos idiomas de contato (questões de 23-26); (iv) idiomas de contato e a convivência nos relacionamentos afetivo, de amizade e profissional (questões de 27-45); e, por fim, (v) idiomas de contato e a opinião dos capanemenses entrevistados (questão 46).

Como já explicitamos, a atenção está voltada, neste estudo, às crenças e atitudes linguísticas, uma vez que estas afetam não só os fenômenos particulares específicos como também o plurilinguismo e, em particular, a variedade intralinguística. Conforme Labov (1972, p. 21), não se pode compreender e analisar o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.

#### 4 DISCUSSÃO TEÓRICA

O estudo da atitude foi introduzido na Psicologia Experimental em fins do século XX e, em pouco tempo, passou a ser considerada como um dos conceitos centrais da Psicologia Social. Conforme Askevis-Leherpeux (1991, p. 90), a atitude é uma disposição interna do indivíduo perante um elemento do mundo social que orienta a conduta adotada na presença real ou simbólica desse elemento. O autor esclarece que essa disposição não pode ser diretamente apreendida, da mesma forma que, para sua medida, é preciso recorrer a um instrumento, denominado “Escala de Atitude”<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> A Escala de Atitude de Askevis-Leherpeux é composta por um conjunto de questões que possibilitam explorar suas diversas faces, contudo, faz-se necessária a certificação de que as respostas dadas a essas perguntas sejam coerentes. O pesqui-

Moreno Fernández (1998), por sua vez, explica que a atitude linguística nada mais é do que uma forma de expressão da atitude social dos indivíduos, podendo focalizar e se referir especificamente à língua ou ao seu uso no meio social. A partir dessas atitudes é que se faz possível constatar a preferência (prestígio) ou recusa (preconceito) da utilização de certos signos, assim como as crenças perante a própria língua. Lembramos que o termo “prestígio” em Sociolinguística é usado para se referir ao valor positivo que certas variantes linguísticas possuem enquanto facilitadoras da ascensão na escala social, cujas formas padrões são reconhecidas e aceitas pelas gramáticas normativas. Tais variantes são geralmente associadas à classe média alta educada.

Da mesma forma, Rubal Rodriguez (1988, p. 266) afirma que seria um erro atribuir às atitudes linguísticas uma influência aleatória ou eventual sobre as condutas conseguintes, visto que estas controlam o comportamento dos sujeitos. Em resumo, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 1972, p. 21).

Segundo Moreno Fernández (1998) e López Morales (1993), as atitudes podem ser só positivas, de aceitação, ou negativas, de recusa, sendo impossível imaginar uma atitude neutra, já que estaria mais próxima de ausência de atitude.

O termo “crença” é definido por Bronckart e Prévost (2001, p. 198), em sentido mais amplo, como a atitude de adesão a uma conjectura, cuja verdade, não necessariamente, pode ser demonstrada. Para os autores, a crença é sustentada por elementos de conhecimento e também pelo sentimento subjetivo de ordem na asserção. Além disso, encontra-se distribuída por três graus: o grau inferior, em que se situa a opinião, baseada na probabilidade, contexto em que não se exclui a dúvida; o grau superior, no qual se deposita o “sa-

---

sador observa também que estudos teóricos divergem quanto à origem das atitudes entre intrínseca, para teóricos que recorrem a variáveis de personalidade; e extrínseca, para os que postulam modos de aquisição.

ber”, ou seja, crença assertiva, fundada em conhecimentos socialmente reconhecidos; e um grau intermediário. Neste é que se situa a “crença” propriamente dita, ela é quem exclui a dúvida ou a certeza, embora não seja baseada em conhecimentos científicos. Pode ser fundada em valores morais, religiosos ou ser resultado do senso comum ou, ainda, de conhecimentos fundamentados em interesses individuais ou exigências sociais. De acordo com Bronckart e Prévost (2001, p. 198), “as estruturas e o funcionamento destas últimas formas de crença constituem um dos objetos de pesquisa da psicologia social contemporânea”.

As crenças podem estar integradas, portanto, por uma suposta cognição e por um integrante afetivo, ambos de origem social; e, ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, elas revelam uma tomada de posição. Assim, se alguns signos linguísticos são percebidos como rústicos, sem elegância, podem produzir uma atitude negativa em relação ao seu uso. Essa recusa em utilizar um ou outro signo estará presente na atuação linguística do falante, sobretudo quando produz estilos cuidadosos nos quais participam muito ativamente a consciência linguística (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 235). Como lembra Silva-Corvalán (1989, p. 12), o fato de uma forma linguística ser avaliada como “correta” ou “incorreta” se deve somente a apreciações subjetivas: a correção é social, não linguística.

Alguns autores defendem que, para a autêntica compreensão dos problemas linguísticos específicos de uma coletividade, convém conhecer como reagem os falantes diante das variedades linguísticas faladas ou empregadas no meio em que vivem. Afirmam ainda que, naturalmente, os indivíduos criam suas regras linguísticas para se assemelharem aos grupos com os quais querem se identificar. De maneira similar, psicólogos sociais desenvolveram a denominada “Teoria da acomodação” (*Accommodation Theory*) com o intuito de explicar o fato de que os falantes modificam seu comportamento linguístico de acordo com a identidade dos indivíduos que têm diante de si. Labov (1972, p. 140), a propósito, argumenta:

Mas a língua pode ter uma utilidade especial para o sociólogo como um indicador sensível de muitos outros processos sociais. A variação no comportamento lingüístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento lingüístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social.

Esses autores, debruçados em estudos que dizem respeito a crenças e atitudes lingüísticas, vêm colaborando significativamente para que trabalhos similares possam ser desenvolvidos no Brasil, cooperando com o esclarecimento da postura de falantes de diversas regiões geográficas, em relação ao seu próprio e ao falar alheio, ou seja, para o entendimento da realidade lingüística deste país.

Estudiosos como Bem (1973), Lambert e Lambert (1975), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993) e Aguilera (2008b) definem atitude como um modo organizado e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou a qualquer acontecimento. Concordam que a atitude é formada por três componentes essenciais: pensamentos/crenças (componente cognoscitivo), sentimentos (componente afetivo) e tendências para reagir (componente conativo). A propósito, Bem (1973) afirma, ainda, que os fundamentos psicológicos das crenças e atitudes apresentam também o componente social devido ao fato de serem fundamentadas em quatro atividades do homem: pensar, sentir, comportar-se e interagir. Observação relevante, visto que nenhum homem, psicologicamente saudável, vive isolado; ao contrário, está em constante interação com os demais em diversos ambientes, como a família, o trabalho, a escola, o lazer, entre outros. Buscamos enfatizar o significado social das atitudes, por desempenharem uma função importante na determinação do comportamento, pois são maneiras que utilizamos para o ajustamento dentro da sociedade (LAMBERT; LAMBERT, 1975).

Sobre a questão, Aguilera (2008b) afirma que as ati-

tudes costumam expor as preferências e convenções sociais no âmbito do *status* e prestígio de seus usuários. Assim, grupos sociais que detêm maior prestígio social ou ocupam lugar elevado na escala socioeconômica acabam por conduzir, no caso de seus estudos, as atitudes linguísticas das comunidades de fala. A estudiosa cita a pesquisa de Alves (1979), em que migrantes nordestinos, estabelecidos em São Paulo e provenientes de condições socioeconômicas e culturais menos favorecidas, buscam reproduzir a variante da fala local, considerada como uma variante de prestígio linguístico, por verem nela a possibilidade de conquistar o respeito e a estima por parte dos indivíduos que reúnem essas características.

Dessa forma, muitas atitudes são desenvolvidas a partir de nossas vivências, emprestam regularidade aos nossos modos de reagir e facilitam o ajustamento social, embora nem sempre revelemos nossas atitudes abertamente. A atitude linguística é uma manifestação da atitude social do indivíduo centrada especificamente tanto na língua como no uso que se faz dela na sociedade (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 345). A tentativa de usar a variante linguística de maior prestígio mostra a busca por um melhor ajuste na sociedade. Podemos pensar que é uma 'fuga' ao estereótipo atribuído aos nordestinos. Conforme Moreno Fernández (1998, p. 179), uma atitude negativa pode impedir a difusão de uma variante ou mudança linguística, ou até mesmo levar ao seu abandono e esquecimento.

Sobre os estereótipos, Bem (1973) os define como sendo crenças supergeneralizadas que um indivíduo considera como verdades universais e, devido a uma série de razões, aprende a considerá-las indesejáveis. No âmbito da Sociolinguística, Moreno Fernández (1998, p. 77) esclarece que se trata de uma variável muito marcada socialmente de forma consciente, que costuma caracterizar certos grupos sociais, geralmente os mais baixos e que, por estar estigmatizada, corre perigo de desaparecimento dentro de uma comunidade de fala. O psicólogo Bem (1973), por sua vez, acredita que, na grande maioria das vezes, os estereótipos não são

baseados em experiências válidas, mas aprendidos como boatos ou são formados a fim de racionalizar nossos preconceitos. Nesse caso, são frequentemente utilizados para justificar tratamentos indevidos a pessoas ou tribos com base num suposto grupo de características que, na realidade, esses indivíduos não possuem. Essa observação está em consonância com o pensamento de Moreno Fernández (1998, p. 179), para quem a atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, diferenciada por centrar-se e referir-se, de forma específica, tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, o que resulta em atitudes relacionadas aos diferentes estilos de fala, socioletos, dialetos ou mesmo a línguas diferentes.

As atitudes formam e estruturam as personalidades; a tolerância e o preconceito são mais do que meios aprendidos de reagir a grupos específicos, são traços generalizados da personalidade (LAMBERT; LAMBERT, 1975). Para Moreno Fernández (1998, p. 180), as atitudes linguísticas refletem as atitudes psicossociais e, conforme o estudioso, de fato, são atitudes psicossociais, haja vista que as línguas possuem um/ a significado/conotação social. Dessa forma, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com o *status* ou com as características sociais de seus usuários. E conclui que, assim sendo, não é fácil delimitar onde começa a atitude relacionada a uma variedade linguística e onde termina a atitude ligada ao grupo social ou ao usuário dessa variedade.

Aguilera (2008b, p. 314) concorda que a compreensão das crenças e atitudes linguísticas auxilia no entendimento das diversas 'competições' entre: (i) as múltiplas variedades linguísticas regionais do português; (ii) as questões de prestígio, rejeição e preconceito linguísticos; (iii) o problema do bilinguismo e do contato linguístico em regiões fronteiriças e, dentro do próprio país, em regiões de alta concentração de imigrantes.

Quanto à possibilidade de medição das atitudes, Lambert e Lambert (1975, p. 80) esclarecem que elas não podem ser diretamente medidas, por isso, faz-se necessário que

se estabeleçam critérios que realmente meçam aquilo que se pretende e não outro processo psicológico. Os autores propõem que a forma mais indicada é delinear situações experimentais de modo que os sujeitos da pesquisa não percebam que estão revelando seus pensamentos, sentimentos e tendências reativas particulares.

Para compreendermos como as atitudes podem ser medidas, faz-se necessário que, primeiramente, retomemos algumas explicações no âmbito das definições de atitudes. López Morales (1993, p. 231) esclarece que há dois grandes grupos: os mentalistas e o comportamentalistas. Os mentalistas a definem como “um estado de disposição” (ALLPORT, 1967, *apud* LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231). Assim, a atitude de uma pessoa ou de um grupo específico prepara o indivíduo para reagir a um estímulo de maneira específica. O ponto negativo dessa concepção é que, ao definir a atitude dessa maneira, torna impossível a observação ou análise direta e, como consequência, dificulta a determinação do tipo adequado de dados a partir dos quais se podem inferir as mesmas atitudes. Já as definições comportamentalistas (behavioristas) são baseadas nas respostas que os falantes produzem em certas situações sociais, podendo assim ser estudadas diretamente sem a necessidade de recorrer a informações introspectivas individuais, que nem sempre são aproveitadas ou úteis em uma pesquisa.

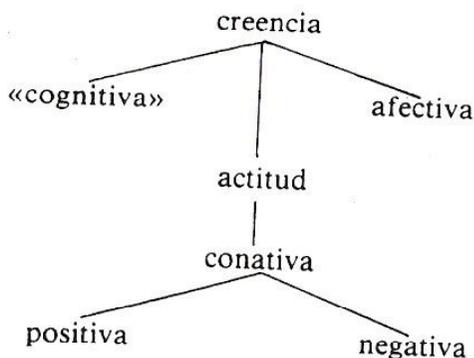
O autor alerta que, sobre estas últimas – comportamentalistas –, há o grande inconveniente científico de que elas não predizem a conduta verbal e nenhuma outra. Dessa maneira, não poderiam constituir-se em padrões sistemáticos e coerentes. O que torna a definição mentalista mais interessante e apreciada é justamente a possibilidade de previsibilidade.

Uma grande distinção entre ambas as definições trata da estrutura componencial da atitude. Os mentalistas visualizam-na como uma estrutura componencial múltipla, mesmo havendo algumas discordâncias no que diz respeito ao número e à natureza dos subcomponentes. Por outro lado,

os comportamentalistas a definem como uma unidade indivisível. Em nosso estudo, adotamos a linha mentalista, uma vez que concordamos que a atitude seja constituída pelos componentes citados anteriormente: componente cognoscitivo, que inclui percepções, crenças e estereótipos; componente afetivo, que se refere às emoções e sentimentos; e, por fim, componente conativo, ligado à tendência de reagir de determinada maneira.

López Morales (1993, p. 235) ilustra a relação entre crença e atitude da seguinte forma:

Figura 1- Relação entre atitudes e crenças



Fonte: LÓPEZ MORALES (1993, p. 235)

A fim de explicá-la, recorremos a Moreno Fernández (1998, p. 185): “De acordo com a figura, as atitudes estão formadas por comportamentos (componente conativo), por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de recusa. A atitude neutra é concebida como uma ausência de atitude e não como mais uma classe” (Tradução nossa)<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> No original: “Según se desprende de la ilustración, las actitudes están formadas por comportamientos (componente conativo), por conductas que pueden ser positivas, de aceptación, o negativas, de recusa. La actitud neutra se concibe como una ausencia de actitud y no como una clase más de ella” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 185).

Ainda dentro da perspectiva mentalista, existem dois métodos de estudo das atitudes linguísticas: os diretos e os indiretos. Ambos são explicados por Moreno Fernández (1998). Em primeira instância, vejamos o método direto:

As medições diretas costumam ser praticadas sobre materiais recolhidos por meio de questionários ou de entrevistas. Os questionários empregados possuem uma estrutura aberta (o informante emite a resposta que crê ser a mais adequada), uma estrutura fechada (ao informante são oferecidas possibilidades limitadas de resposta) (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 187, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Essa sugestão de medição de atitudes (medição direta), feita por Moreno Fernández (1998) e utilizada no presente trabalho, incide na aplicação de entrevistas e/ou questionários abertos que habitualmente trazem perguntas que abordam a opinião pessoal do entrevistado, dando-lhe maior autonomia para emitir as repostas, pois o livra da responsabilidade de ter que decidir por “correto” ou “incorreto”.

À guisa do método indireto, o pesquisador esclarece: “As medições indiretas são aplicadas sem que o falante tenha consciência de qual é o objeto de interesse (a atitude); são aquelas cujo propósito é desconhecido pelos indivíduos que servem como informantes” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 187, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Percebemos que essas observações têm sido alvo não só da psicologia social, como também de pesquisas sociolinguísticas. Aguilera (2008b, p. 312) aponta atlas espanhóis que trazem questões metalinguísticas, ou seja, ques-

<sup>7</sup> No original: “Las mediciones directas suelen practicarse sobre materiales recogidos por medio de cuestionarios o de entrevistas. Los cuestionarios empleados poseen bien una estructura abierta (el informante emite la respuesta que cree más adecuada), bien una estructura cerrada (al informante se le ofrecen unas posibilidades limitadas de respuesta)” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 187).

<sup>8</sup> No original: “Las mediciones indirectas se aplican sin que el hablante tenga conciencia de cuál es el objeto de interés (la actitud); son aquellas cuyo propósito es desconocido por los individuos que sirven de informadores” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 187).

tões que tratam da crença e de atitudes de sujeitos a respeito da própria língua: *Atlas Lingüístico de Catalunya*, *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Andalucía*, *Atlas Lingüístico-Etnográfico de las Islas Canárias* e *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*. Além desses, a autora cita alguns trabalhos sobre o tema, desenvolvidos no Brasil: Alves (1979), Ramos (1998), Bisinoto (2000), Barbosa (2002) e Mello (2003). Em seu artigo, a estudiosa foca a questão nº 1 das perguntas metalingüísticas do *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB*. “Como se chama a língua que você/o(a) senhor(a) fala?”, com o intuito de obter informações sobre o sistema de crenças dos informantes no que diz respeito à sua própria fala, à de seus conterrâneos e à de falantes de outras cidades e regiões. A autora constatou que a grande maioria dos entrevistados reconhece falar a língua portuguesa ou o português, resultado da influência escolar ou da cultura vigente ou herdada. A outra parte denominou a língua empregada como sendo brasileiro ou língua brasileira, cuiabanês e, ainda, língua nativa.

Como se desenvolvem as atitudes? Seria possível alterá-las? Lambert e Lambert (1975, p. 93) afirmam que as atitudes são modos de pensar, sentir e reagir “organizados”, “coerentes” e “habituais” em relação a pessoas e acontecimentos; formas aprendidas de ajustamento, explicadas por três princípios interrelacionados: associação, transferência e satisfação de necessidades. Os autores afirmam que, geralmente, aprendemos sentimentos e tendências reativas, dois dos componentes das atitudes, por meio da associação e da satisfação de necessidades. Evitamos e tememos aquilo que está ligado a acontecimentos desagradáveis e nos aproximamos ao que está associado a vivências agradáveis. Dessa forma, os pensamentos e as crenças são aprendidos pelo princípio de “transferência”, que auxilia no modo de aprendizagem das atitudes com outras pessoas, adquiridas pela instrução. Por isso, selecionamos quais atitudes nos interessam, indicando que a satisfação de uma necessidade se encontra presente quando as atitudes são transferidas.

Depois de aprendidas, as atitudes não são facilmente substituídas ou modificadas, pois se tornam aspectos integrantes da personalidade de um indivíduo, influem diretamente no estilo de seu comportamento. Em determinadas condições, porém, podem sofrer algum tipo de alteração, mesmo sem afetar sentimentos e tendências reativas. Os componentes de novas atitudes são aprendidos de acordo com os princípios de transferência, associação e satisfação de necessidades. Caso uma pessoa entenda que é vantajoso mudar, o processo de aprendizagem pode ser facilitado. Além disso, experiências vêm mostrando que quanto mais digna de confiança e atraente é uma pessoa, tanto mais haverá a probabilidade de sua mensagem exercer influência sobre as atitudes já existentes.

A variedade linguística, por exemplo, pode ser interpretada como particular a determinado grupo ou povo, do mesmo modo que as atitudes costumam ser manifestação de preferências e convenções sociais acerca do *status* e prestígio dos falantes. Normalmente, os falantes que ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades de fala pertencem a grupos sociais mais prestigiosos, mais bem posicionados socioeconomicamente, por isso as atitudes costumam ser positivas quanto à língua, a seu uso e às características dos falantes com maior prestígio e de posição social mais alta (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181). Assim, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser uma reação às variedades usadas por ele, ou aos indivíduos usuários dessa variedade, já que normas, regras e características culturais de um grupo são transmitidas ou sedimentadas pela língua, modificada, de maneira particular, na fala de cada pessoa (AGUILERA, 2008b, p. 315).

Existe, porém, a possibilidade de que ocorram mudanças de atitudes se houver condições adequadas para aprender novos meios de sentimento e reação, por meio da associação. Sobre a questão, Askevis-Leherpeux (2001, p. 90) pondera:

Embora relativamente estável, uma atitude é modificável e os numerosíssimos trabalhos consagrados a esse problema mostram essencialmente que: (a) uma comunicação é tanto mais persuasiva quanto a fonte que a emite for competente, digna de fé e simpatia; (b) pode ser mais eficaz e apresentar ao mesmo tempo o pró e o contra; e (c) é preferível em situação de perigo, exibir os recursos para enfrentá-lo que limitar-se a recorrer ao medo.

Além da influência das experiências pessoais vividas, os recursos midiáticos também podem modificar, mesmo que temporariamente, sentimentos e tendências reativas quando o interlocutor se identifica com a personagem. Algumas atitudes conseguem ser alteradas se a pressão para que isso ocorra não for muito intensa. Apesar da possibilidade de o indivíduo alterar suas atitudes, os autores lembram que as raízes estão sólidas no sistema motivacional da personalidade e que as tentativas em mudá-las serão limitadas enquanto não se compreenderem as profundas relações entre atitudes e personalidade. Certas pesquisas, promovidas por psicólogos sociais, mostram que o ser humano busca atitudes coerentes, visando às relações equilibradas entre suas atitudes e conduta. As primeiras, no entanto, passam por alteração quando a relação entre ambas se faz incoerente.

Assim, entendemos que as atitudes podem ser positivas ou negativas. Elas tanto são influenciadas pelo meio social, pelas emoções e comportamento, como também repousam em bases cognitivas e podem ser conclusões de silogismos. A partir do momento em que são aprendidas, as atitudes dificilmente são alteradas; contudo, podemos nos ajustar, de acordo com as circunstâncias e necessidades, comportando-nos de maneira distinta do que realmente sentimos ou pensamos. Lambert e Lambert (1975) e Aguilera (2008b) concordam que a melhor maneira de medi-las seria a indireta, em que o sujeito da pesquisa não saiba que o objeto de interesse é a atitude.

Subsidiada pelos teóricos anteriormente citados, entre outros pesquisadores da área da Sociolinguística, acredita-se que, mesmo que as atitudes linguísticas não possam ser

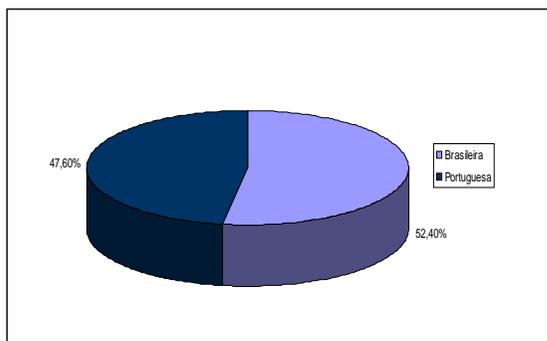
consideradas como fatores causais, atuam como mediadoras dos comportamentos linguísticos e constituem indicadores especialmente sensíveis do processo sociolinguístico que atua sobre a sociedade. Nesse sentido, Giles, Hewstone e Ball (1983) defendem que, para uma autêntica compreensão dos problemas linguísticos específicos de uma coletividade, convém conhecer como reagem os falantes diante das variedades linguísticas faladas ou empregadas no meio.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Selecionamos duas questões para análise: (i) *Como se chama a língua que você fala?* (ii) *Que línguas falam os que falam diferente aqui em Capanema?* A primeira questão busca verificar a consciência linguística do falante com relação à língua utilizada por ele. A língua portuguesa teve quatro denominações (português/língua portuguesa; brasileiro/língua brasileira) e, além dela, foram citados outros cinco idiomas que fazem parte do cotidiano dos capanemenses.

O Gráfico 1 mostra a distribuição da frequência entre a língua portuguesa (ou o português) e a língua brasileira (ou o brasileiro).

Gráfico 1 - Denominações para o Português falado em Capanema



Conforme é possível observar, dentre as denominações enumeradas por nossos informantes, houve uma variação entre 52,40% para brasileiro(a), com onze ocorrências, e 47,60% para português ou língua portuguesa. Já em Aguilera (2008a, p. 107), a autora revela que a grande maioria dos falantes das capitais acredita falar o português ou a língua portuguesa, porém,

[...] 8% deles inicialmente assumiram como a denominação mais apropriada para a língua que falam ou o brasileiro/a língua brasileira; ou o cuiabanês; ou a língua nativa. Verificamos, da mesma forma, que quase todos, ao serem questionados pela segunda vez, prontamente retificaram a resposta anterior, retomando a denominação oficial – português/língua portuguesa (AGUILERA, 2008a, p. 107).

Constatamos que, quando a resposta é *brasileira*, o inquirido está fazendo a concordância com *língua*, que está na própria pergunta, o que não ocorre quando responde *brasileiro*; o mesmo acontece para as respostas *português* e *portuguesa*. Ilustramos abaixo com excertos da fala dos informantes 1 e 2 em que aparecem *brasileira* e *brasileiro*, respectivamente.

INQ. - Que língua que você fala?

INF- Hum.. brasileira (Inf. 1)

INF- Não sei, porque eu sei... porque quando a mãe do meu cunhado começa a conversar alemão, se agente chega, ela para, então ela não conversa mais, ela fala em brasileiro daí. (Inf. 2)

A informante 4 reforça a resposta repetindo *língua* e fazendo a concordância:

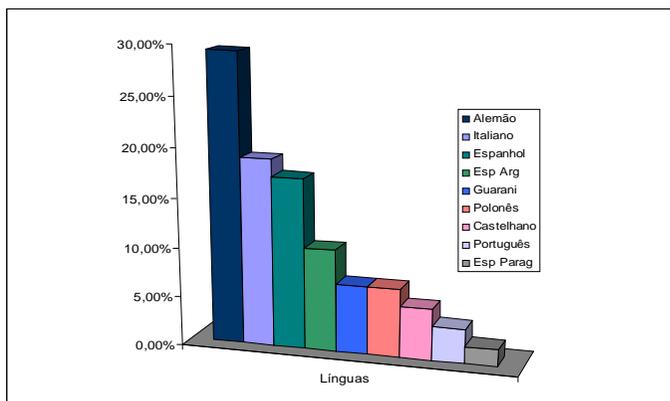
INQ.- Que língua que você fala?

INF- Eu falo alemão e língua portuguesa. (Inf. 4)

A indicação de outros idiomas, além do português, é esclarecida nas questões que tratam da convivência com pais

e, sobretudo, avós, muitos dos quais são imigrantes. A segunda questão indaga os capanemenses quanto às variedades linguísticas com as quais estes mantêm contato.

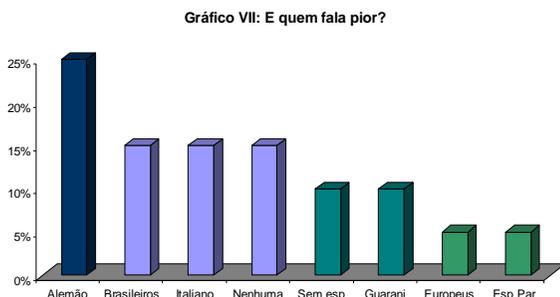
Gráfico 2 – Que línguas falam os que falam diferente em Capanema?



Em ordem decrescente, temos: em primeiro lugar, com 29,30%, o alemão é apontado como a língua estrangeira mais falada em Capanema; em segundo lugar, com 19,10%, o italiano; em terceiro, com 17,20%, o espanhol; em quarto, com 10,30%, o espanhol argentino; em sexto, com 6,90%, o guarani e o polonês; e nos últimos lugares, com 5,20%, 3,40% e 1,70%, estão o castelhano, o português e o espanhol paraguaio, respectivamente. Registrou-se, pois, uma diferença de 27,60% entre o idioma estrangeiro mais utilizado e o menos empregado, segundo os informantes.

O Gráfico 2 mostra o contraste com as informações trazidas abaixo:

Gráfico 3 – Comparando essas línguas, quem fala pior?



O gráfico mostra que 25% dos entrevistados consideram que os alemães falam pior; com 15% cada, o italiano e o brasileiro são os que também falam pior; mas o mesmo percentual dos informantes acredita não haver quem fale pior devido ao fato de a língua fazer parte da cultura de um povo; 10% indicam que, excetuando aquele que fala melhor, os demais são piores, esse percentual também faz referência aos guaranis; por fim, o europeu, de maneira geral, e o espanhol paraguaio representam 5% cada de quem fala pior.

As informações fornecidas pelos falantes e suas análises permitem considerar que, nesse caso, a barreira do prestígio é consolidada pela dificuldade de compreensão de um idioma, assim como pelo componente cognoscitivo, o qual inclui percepções, julgamentos, saberes, crenças e estereótipos presentes no indivíduo (LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Os próprios capanemenses podem contribuir para a disseminação da crença de que o alemão é um idioma difícil e estranho, evidenciando o componente social (BEM, 1973). Além disso, poucos informantes associam a língua à cultura, salientando-se que a única referência ao espanhol paraguaio reforça a atitude positiva dos capanemenses com relação aos falantes da variedade do espanhol falado pelos vizinhos.

O que se torna relevante nesses dois gráficos (2 e 3) é que, mesmo a língua alemã sendo o idioma estrangeiro mais

facilmente observado em Capanema, são os alemães os que gozam de menor prestígio entre os descendentes de outras etnias. Durante as entrevistas e conversas com os moradores locais, pudemos constatar que essa recusa se deve única e simplesmente à dificuldade dos capanemenses em compreender a língua alemã. Os inquiridos a definem como língua *difícil* e *esquisita*, explicam que não conseguem conversar com os alemães e que, normalmente, ao se aproximarem deles, estes, quando conversam na língua dos seus antepassados, deixam de falar em alemão e passam a falar em português. Os próprios informantes explicam que essa atitude se deve à consciência dos descendentes de alemães de que os demais desconhecem seu idioma, o que impede o estabelecimento da comunicação entre eles; assim, por respeito aos moradores, passam a falar em português, idioma comum entre os nativos daquele município.

O informante 7, por exemplo, conta que gosta do italiano, mas prefere o espanhol argentino pela facilidade na compreensão e comenta sobre a dificuldade em entender o alemão.

INE- Bom, eu gosto do italiano. Eu acho legal, mas aí eu num sei também. Tem o espanhol argentino também que no caso, seria o que eu mais compreendo.

INQ.- Ah, sim, mas aí se você fosse comparar qual você diria que fala melhor, qual língua você acha que fala melhor e qual que é pior?

INE- Bom, tem o espanhol, eu gosto bastante do espanhol argentino, que nem você falou e o alemão que eu acho o pior. Acho muito, assim, esquisito. Esquisito em relação que, NE, porque pra eles é normal, mas onde, como eu sou brasileiro, é esquisito pra mim, o alemão é esquisito. (inf. 7)

A estranheza no que diz respeito ao idioma alemão está relacionada à capacidade de comunicação. O inquirido de número 7 explica que, entre os falantes do idioma, este é absolutamente normal; todavia, para ele, que é brasileiro, passa a ser esquisito.

No que se refere aos vizinhos de fronteira, em geral, uma quantidade razoável de informantes demonstrou não ver os paraguaios de maneira positiva. Esse sentimento pode ser motivado, inclusive, pelo uso do guarani jopará, o que provoca certo distanciamento por parte dos moradores de Capanema, que se sentem barrados pelo idioma. Os inquiridos apresentam como justificativa para essa rejeição aos paraguaios a diferença de cultura, de hábitos, a origem indígena, a baixa tecnologia e as dificuldades no ensino, assim como também a questão linguística. As respostas de cunho negativo são mais frequentes na fala de informantes com baixa escolaridade.

Em relação aos argentinos, entretanto, a maior parte dos capanemenses apresenta atitude positiva. Ao serem questionados se comprariam uma casa em um bairro em que somente residissem argentinos, os inquiridos afirmam que o fariam, visualizando a possibilidade de troca cultural e de aprendizagem da língua. No âmbito da amizade, casamento ou namoro com descendente argentino, a atitude dos entrevistados foi igualmente positiva.

Quanto ao relacionamento afetivo com alemães/descendentes de alemães, esse grupo ocupa o segundo lugar em atitudes positivas, estando atrás apenas dos descendentes de italianos.

Dentre os estrangeiros/descendentes de estrangeiros, os italianos são os vizinhos mais desejados pelos capanemenses. Duas das justificativas apresentadas são: a semelhança da língua italiana com a língua portuguesa e a oportunidade de aprender algo sobre essa cultura. Seguindo dos alemães, os descendentes de italiano são citados como a etnia com que os capanemenses mais têm amizade, além de serem apontados também como os mais sinceros.

## 6 CONCLUSÕES

A análise de parte do *corpus* coletado indicou que, de modo geral, os capanemenses mantêm uma atitude positiva

em relação aos descendentes de estrangeiros ali residentes e, especialmente, no que se refere ao contato com os argentinos. Em Capanema, os moradores demonstram interesse em aprender o idioma espanhol falado pelos argentinos, exaltam sua beleza, assim como a importância ligada à região de fronteira. Em momento algum, durante as entrevistas ou conversas com os moradores, notamos qualquer contradição entre essas informações.

Acreditamos que esse tipo de estudo em regiões fronteiriças permitirá conhecer as consequências sociais e sociolinguísticas do contato (multilinguismo, substituição de línguas, diglossia, integração-marginalização, transculturação) e permitirá pensar em propostas que favoreçam o desenvolvimento dos fronteiriços, fazendo uso das línguas como instrumentos de integração entre os vários povos que coabitam o mesmo espaço (MORENO FERNÁNDEZ, 2001, p. 2).

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*. Revista do GEL, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira?* In: RONCARI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro II*. Niterói: EdUFF, 2008b, p. 311-328.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- ASKEVIS-LEHERPEUX, F. *Atitude*. In: *Dicionário de psicologia* [Trad. Odilon Soares Leme]. São Paulo: Ática, 2001, p. 90. [Título original: Dictionnaire de psychologie, 1991].
- BARBOSA, A. O. *Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística*. Campinas: UNICAMP, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- BEM, D. J. *Comições, atitudes e assuntos humanos* [Trad. Carolina Martuscelli Bori]. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1973.

BERGAMASCHI, M. C. Z. *Bilinguismo de dialeto português: atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: UCS, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.

BISINOTO, L. S. J. *Atitudes linguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório*. Campinas: UNICAMP, 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BRONCKART, J.-P.; PRÉVOST, C. Crenças. In: *Dicionário de psicologia* [Trad. Odilon Soares Leme]. São Paulo: Ática, 2001 [Título original: Dictionnaire de psychologie, 1991].

GILES, H.; HEWSTONE, M.; BALL, P. Language attitudes in multilingual settings: prologue with priorities. *Journal of multilingual and multicultural development*, 4, 2&3, p. 81-96, 1983.

LABOV, W. Padrões sociolingüísticos. [Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso]. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. [Título original: Sociolinguistic Patterns, 1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia Social*. [Trad. Dante Moreira Leite]. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 98-135. [Título original: Social Psychology, 1973].

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.

MELLO, H. A. B. Atitudes linguísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilingüe no interior de Goiás. *Revista Letras*, Campinas, v. 22, p. 85-114, dez. 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, F. El español en la frontera amazónica (Brasil-Colombia). In: *II Congreso de la Lengua Española*. Valladolid, 2001. Disponível em: <[http://congresos.delalengua.es/valladolid/ponencias/unidad\\_diversidad\\_del\\_espanol/5\\_espanol\\_y\\_portugues/moreno\\_f.htm](http://congresos.delalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/5_espanol_y_portugues/moreno_f.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. *Principios de sociolingüística y de sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PARCERO, L. M. J. *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*. Campinas: UNICAMP, 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RUBAL RODRIGUES, X. Actitudes lingüísticas do alumnado de bacharelato en Galicia. In: *Actes du XVIIIe. Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Université de Trèves (Trier) 1986. vol. V Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística* teoría y análisis. Madrid: Alambra, 1989.